



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO
E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**

SOFIA BATISTA GUIMARÃES AMARAL

CINEMA E ACESSIBILIDADE:

como a linguagem cinematográfica é abordada na audiodescrição do filme

Notes on Blindness

Brasília

2018

SOFIA BATISTA GUIMARÃES AMARAL

CINEMA E ACESSIBILIDADE:

como a linguagem cinematográfica é abordada na audiodescrição do filme
Notes on Blindness

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Santiago Vigata.

BRASÍLIA

2018

SOFIA BATISTA GUIMARÃES AMARAL

CINEMA E ACESSIBILIDADE:

como a linguagem cinematográfica é abordada na audiodescrição
do filme *Notes on Blindness*

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à comissão examinadora identificada abaixo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Brasília, 27 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Helena Santiago Vigata (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Alencar

Prof.^a Dr.^a Soraya Ferreira Alves

AGRADECIMENTOS

Agradeço primordialmente ao meu amado e insubstituível pai, que, mesmo não estando mais presente fisicamente em minha vida, continua sendo um ser de luz que me dá toda força, coragem e vontade de seguir em frente. Você, pai, foi capaz de dar os melhores ensinamentos que um pai pode dar a uma filha, me ensinando a ser uma mulher independente, corajosa, leal e, acima de tudo, a colocar o meu estudo em primeiro lugar, afinal, como você mesmo dizia: “sem estudo não somos ninguém”.

Agradeço a minha mãe por me ajudar da melhor maneira que pode todos os dias e, mesmo quando não pode, faz, e faz por amor e dedicação; por confiar fielmente em mim e em cada passo que dou; por ser a minha admiradora nº 1 e me ensinar os valores essenciais à vida. Agradeço ao meu irmão, minhas avós e meu namorado, que me incentivaram a cada segundo para que este trabalho fosse realizado e acreditaram na minha capacidade.

Agradeço aos meus chefes Gustavo, Wagner e Pedro que, mesmo “sem querer”, colaboraram para a realização deste trabalho, sendo pacientes, compreensivos e incentivadores.

Agradeço a minha orientadora Helena, por ter sido complacente e extremamente paciente ao longo de todo o semestre, por compartilhar um pouco do seu vasto conhecimento na área e pela grande colaboração acadêmica que ela me proporcionou, ao longo dos meus 4 anos de UnB. Todo conhecimento adquirido ao seu lado, Helena, não foi em vão e foi fundamental para a minha evolução, pois foi na sua área de atuação acadêmica onde me descobri dentro do LEA-MSI, descobri minha vocação e consegui enxergar uma futura profissão.

A todos vocês, amores do meu coração, sou imensuravelmente grata, pois, sem vocês, eu não teria chegado ao fim.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade fazer uma análise da linguagem cinematográfica utilizada no docudrama britânico *Notes on Blindness* (2016), bem como fazer uma análise de como esses elementos cinematográficos foram evidenciados na versão audiodescrita do filme feita pela renomada audiodescritora e pesquisadora Louise Fryer. A pesquisa revela a intenção da produção do filme de induzir psicologicamente os espectadores a sentir como se estivessem perdendo o sentido da visão, trazendo uma proximidade maior com o protagonista, que acaba ficando totalmente cego. A partir da audiodescrição de Louise Fryer, é possível afirmar o quanto a linguagem cinematográfica foi um elemento influenciador no modo em que ela realizou sua audiodescrição.

Palavras-chave: Linguagem cinematográfica; audiodescrição; perda da visão; indução psicológica; magia do cinema.

ABSTRACT

The aim of this paper is to make an analysis of the cinematographic language used in the British documentary *Notes on Blindness* (2016), as well as to make an analysis of how the cinematographic elements are evidenced in the audio described version of the film, made by the renowned audio describer and researcher Louise Fryer. First, the film's production intention to psychologically induce viewers to feel as if they were losing their sight is revealed, bringing greater proximity to the main character of the film, who completely lost his sight. From Louise Fryer's audio description, it is possible to affirm how cinematographic language was a highly influential element in her mode of audio description.

Keywords: Cinematographic language; audio description; sight loss; psychological induction; magic of cinema.

RESUMEN

Este trabajo tiene por finalidad hacer un análisis del lenguaje cinematográfico utilizado en el docudrama británico *Notes on Blindness* (2016), así como hacer un análisis de cómo esos elementos cinematográficos fueron evidenciados en la versión audiodescrita de la película, creada por la renombrada audiodescriptora e investigadora Louise Fryer. Primero, la investigación revela la intención de la producción de la película de inducir psicológicamente a los espectadores a sentirse como si estuvieran perdiendo la vista, provocando una proximidad mayor con el personaje principal de la película, que acaba quedándose totalmente ciego. A partir de la audiodescripción de Louis Fryer, se puede afirmar que el lenguaje cinematográfico fue un elemento muy influyente en el modo en que esta profesional realizó su audiodescripción.

Palabras clave: lenguaje cinematográfico; audiodescripción; pérdida de la vista; inducción psicológica; la magia del cine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	14
Figura 2.....	14
Figura 3.....	15
Figura 4.....	16
Figura 5.....	17
Figura 6.....	17
Figura 7.....	19
Figura 8.....	19
Figura 9.....	20
Figura 10.....	21
Figura 11.....	22
Figura 12.....	23
Figura 13.....	24

SUMÁRIO

9

2 LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA DE NOTES ON BLINDNESS12

2.1 Enquadramentos13

2.2 Ponto de vista20

2.3 Foco e profundidade de campo22

1 INTRODUÇÃO9

3 CONCLUSÃO26

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS29

1 INTRODUÇÃO

Desde sua criação, em 28 de dezembro de 1895, pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, o cinema revolucionou a maneira de se fazer e se reproduzir arte. O primeiro filme exibido no salão Grand Café em Paris, França, foi *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*, que teve uma duração de cerca de 40 minutos para uma plateia de 30 a 33 pessoas. O equipamento utilizado foi o cinematógrafo, uma espécie de aparelho de fotografia capaz de colher fotos e projetá-las numa sequência de reprodução rápida o suficiente para se criar a impressão de que a imagem está se movendo. Desde então, o cinema passou por várias transformações e hoje, no século XXI, é considerado a 7ª Arte.

O cinema hoje é um instrumento poderoso para difusão de informação, conhecimento, cultura, lazer, sendo capaz de alcançar milhões de pessoas ao redor do mundo, sendo também um mercado altamente rentável e inovador gerando bilhões de dólares a cada ano na indústria cinematográfica. O cinema também se tornou uma área importante de estudos, ganhando espaço nas universidades e escolas técnicas de cinema, gerando profissões importantes e exclusivas de sua área.

É irrefutável que nos dias atuais o cinema representa uma das práticas de maior entretenimento e lazer para a sociedade, porém, dentro da sociedade moderna também existem pessoas que, por limitações, não são capazes de desfrutar da mágica experiência de assistir a um filme. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Espaço, quase 24% da população possui algum tipo de deficiência, ou seja, são pessoas com algum tipo de dificuldade para enxergar, ouvir, locomover-se ou com alguma outra limitação mental.

As práticas de lazer e entretenimento precisam ser acessíveis para todos e isso é um direito garantido de qualquer cidadão, previsto pelos Direitos Humanos da ONU – Organização das Nações Unidas – e pela Constituição Federal do Brasil. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948 da ONU, em seu artigo 27, item 1º, estabelece-se que “todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as

artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios” (CARDOSO, 2018, p. 11-12).

Pensando nessa população, a indústria cinematográfica criou versões de filmes acessíveis para o público com deficiência visual e auditiva mediante a inserção de uma faixa de audiodescrição e outra de legendas para surdos e ensurdecidos. Através dessas ferramentas, o público cego e surdo passou a ter acesso ao mundo do cinema, desfrutando do acesso à cultura, lazer, informação e entretenimento que o cinema é capaz de proporcionar.

Este trabalho tem como intuito analisar como a linguagem fílmica foi empregada no filme *Notes on Blindness*, um docudrama britânico de 2016, dirigido por Peter Middleton e James Spinney, que narra a história verdadeira de John M. Hull, um teólogo e professor universitário australiano que vivia na Inglaterra e que, em meados de 1983, após perder por completo a visão, começou a gravar em fitas cassetes um diário onde expunha seus sentimentos e os desafios de seu cotidiano. Os áudios utilizados no filme são os áudios originais gravados por John na vida real, o que trouxe uma proximidade maior do filme com a realidade.

A história de John foi inicialmente contada em sua autobiografia, intitulada *Touching The Rock: An Experience of Blindness*, em 1990. John foi uma importante figura no cenário da acessibilidade britânica e europeia, escrevendo vários livros sobre a cegueira e sendo premiado pelo Royal National Institute of Blind People (RNIB). Morreu em 2015 após completar 80 anos de idade, porém, sua memória ainda é vivida por sua esposa Marilyn e seus 5 filhos. O ator Dan Skinner dá vida ao personagem John, ao lado de Simone Kirby, que faz o papel de Marilyn.

O filme *Notes on Blindness* também foi premiado com o British Independent Film Award por melhor documentário, e indicado a várias premiações, como melhor produtor e melhor produção independente.

O primeiro contato que tive com o filme *Notes on Blindness*, juntamente com outra colega de turma, Renata Ayub Alves Cardoso, foi no âmbito do Estágio Supervisionado do Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, quando nos foi encomendada a transcrição das duas versões de audiodescrição que foram distribuídas junto ao filme no DVD comercializado no Reino Unido. Depois da experiência de

transcrever os dois roteiros de audiodescrição, ambas decidimos voltar nosso trabalho de fim de curso para uma análise do filme.

Em sua pesquisa, minha colega (CARDOSO, 2018) focou numa análise comparativa dos dois roteiros com o intuito de entender o que teria motivado a criação de duas versões de audiodescrição, uma gravada pela renomada audiodescritora e pesquisadora Louise Fryer e a outra pelo ator profissional Stephen Mangan. Ela chegou à conclusão de que a principal diferença entre as duas versões reside nos estilos de locução, já que os roteiros resultaram ser idênticos, com algumas diferenças, o que parece indicar que as duas versões partiram de um mesmo roteiro que apenas foi sutilmente alterado em alguns momentos para imprimir matizes diferentes, precisar informações ou injetar nelas uma dose de carga emocional. Já o presente trabalho tem como objetivo principal analisar como foi trabalhada a linguagem cinematográfica na audiodescrição de Louise Fryer, quem chegou a comentar que os realizadores do filme tiveram uma preocupação incomum com a descrição dos tipos de planos e movimentos de câmera (CARDOSO, 2018, p. 30).

Por se tratar da história de um professor universitário que perdeu por completo a visão, o filme aborda um tema que, hoje em dia, já ganhou certa notoriedade na indústria cinematográfica e em várias outras esferas da comunicação, mas que ainda é muito desconhecido.

Como estudante, tive os primeiros contatos com as teorias e as práticas de produção fílmica na disciplina de Modalidades de Tradução Audiovisual, lecionada no meu curso. Dentro da área de Tradução Audiovisual, além das técnicas de tradução, dublagem e legendagem comuns, tive a oportunidade de conhecer as técnicas de legendagem para surdos e ensurdecidos e de audiodescrição, que é a versão do filme narrada para cegos. A partir deste contato, descobri a oportunidade de contribuir para a área, pois a fusão entre acessibilidade e produção audiovisual proporcionou ao campo acadêmico uma nova área de estudos voltada para pessoas que precisam de mais atenção, compreensão e, acima de tudo, acesso a todas as instâncias da sociedade.

O filme *Notes on Blindness*, que será analisado neste trabalho, chama a atenção no quesito 'acessibilidade', pois a produção do filme teve um cuidado especial criando duas versões diferentes de audiodescrição, sendo que, normalmente, os filmes possuem somente uma versão audiodescrita para os

espectadores cegos. Ademais, a linguagem cinematográfica utilizada no filme mostrou uma estratégia muito bem elaborada a fim de induzir no espectador não cego as sensações psicológicas da perda da visão do personagem John Hull, sendo este o elemento principal de análise deste trabalho.

A linguagem cinematográfica de *Notes on Blindness* chamou nossa atenção para a análise, já que os próprios diretores do filme alegaram ter uma preocupação especial com a audiodescrição dos diferentes tipos de planos e movimentos de câmera. Tons de iluminação mais escuros, cores pouco brilhantes, planos-ponto-de-vista desfocados, enquadramentos pouco centralizados e sons hiperrealistas são alguns dos aspectos da linguagem cinematográfica utilizados em *Notes on Blindness* a fim de induzir psicologicamente o espectador aos sentimentos de tristeza e angústia sentidos pelo personagem John Hull a partir do momento em que perde por completo a visão. A partir dessa observação, o objetivo deste trabalho é, então, investigar quais tipos de planos foram mais utilizados no filme e analisar como foram descritos por Louise Fryer, com o intuito de comprovar se as escolhas estéticas que regiram o uso desses planos foram de alguma forma transmitidas para o público com deficiência visual.

2 LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA DE NOTES ON BLINDNESS

Chamamos de linguagem cinematográfica o conjunto de planos, ângulos, movimentos de câmera e recursos de montagem que compõem o universo de um filme. A linguagem cinematográfica está relacionada diretamente com a sensação e a percepção do espectador ao assistir um filme. É através dela que a equipe de realização do filme tenta transmitir as emoções e percepções desejadas no espectador, tentando induzi-lo a certas reações psicológicas através de elementos cinematográficos como iluminação, cenário, sons, ângulos, planos ou enquadramentos.

O conceito principal deste trabalho é o de *plano*, que pode ser definido como:

[...] um trecho de filme ou vídeo rodado ininterruptamente. Essa imagem em movimento é produzida por uma sucessão de imagens fixas (também chamadas de fotogramas ou *frames*). Os planos variam na dimensão em que mostram seus

elementos (cenário, objetos, atores) e na sua duração, podendo ser fixos e em movimento. Planos são as unidades que compõem uma cena, que por sua vez é a unidade que compõe um filme. (MUNHOZ, 2010, p. 29).

A seguir, serão analisados os tipos de planos de *Notes on Blindness* de acordo com uma série de aspectos considerados importantes na estética do filme.

2.1 Enquadramentos

O enquadramento é um aspecto fundamental para definir a percepção que o espectador terá do mundo que está sendo transmitido pelo filme, pois delimita o que estará visível na tela, podendo ser desde o contexto geral onde está ocorrendo a cena até um único detalhe que ocupa toda a tela sem dar pistas do contexto, como quando vemos uma mão abrindo uma maçaneta.

Das diversas classificações existentes dos tipos de planos segundo seu enquadramento, aqui foi adotada a apresentada por Teles (2014). Foram selecionados alguns planos do filme como exemplos.

2.1.1 Grande plano geral

O grande plano geral é “um plano abrangente que enquadra uma grande área de ação, onde o ambiente é mostrado de maneira ampla e é captado à longa distância, e serve para indicar ou apresentar o local em que a história ocorrerá naquele momento e pode situar também os personagens da trama” (TELES, 2014, p. 37). É comumente utilizado como plano de situação no começo de uma sequência ou quando se produz uma mudança de ambiente.

Figura 1 – Grande plano geral



Fonte: captura de tela do filme.

Louis Fryer descreveu esse plano (Figura 1) da seguinte maneira:

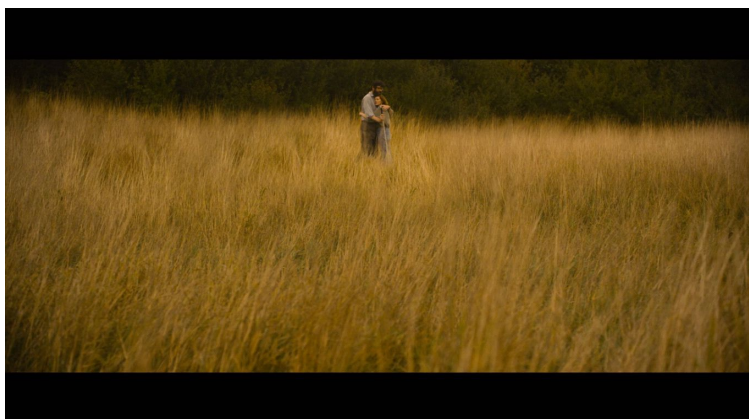
The dunes give way to young woodland.

TRADUÇÃO: As dunas dão lugar a uma floresta jovem¹.

2.1.2 Plano geral

O plano geral enquadra a cena em sua totalidade, porém, com uma perspectiva menor e mais específica que o grande plano geral, tendo em vista que sua função é dar a localidade do personagem, mostrando o ambiente onde o mesmo se encontra.

Figura 2 – Plano geral



Fonte: captura de tela do filme.

¹ Todas as traduções da audiodescrição apresentadas neste trabalho são da minha autoria.

Em sua audiodescrição, Louise Fryer comenta:

She hugs him, he holds her tight, in close up.

Then, in wide shot.

Grasses wave in the wind.

TRADUÇÃO: Ela o abraça forte, em *close up*.

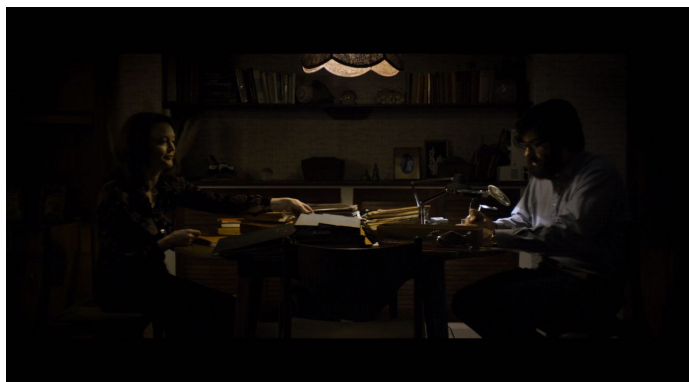
Depois, em plano geral.

Gramas balançam ao vento.

2.1.3 Plano médio ou de conjunto

O plano médio ou de conjunto é utilizado em cenas, principalmente de interiores, onde a câmera mostra o conjunto de elementos envolvidos na ação. É muito utilizado para mostrar diálogos entre personagens.

Figura 3 – Plano médio ou de conjunto



Fonte: captura de tela do filme.

Na audiodescrição, Fryer não comenta sobre o plano:

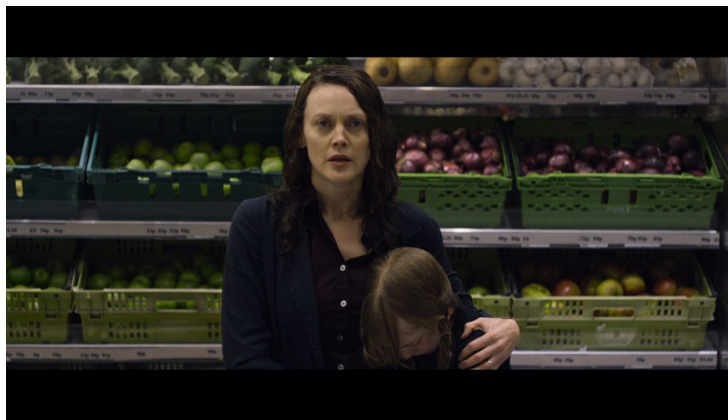
Marilyn smiles ryely.

TRADUÇÃO: Marilyn sorri prontamente.

2.1.4 Plano americano

O plano americano enquadra o personagem da cintura para cima. Seu objetivo é dar destaque ao personagem, e é o plano perfeito para descrever as características físicas do personagem, de uma forma mais detalhada (TELES, 2014, p. 38).

Figura 4 – Plano americano



Fonte: captura de tela do filme.

Na audiodescrição, Louise Fryer aproveita o plano para descrever a expressão facial de Marilyn:

Behind John, Marilyn and Amy are completely soaked too. Marilyn looks tense.

TRADUÇÃO: Atrás de John, Marilyn e Amy estão completamente encharcadas também. Marilyn parece tensa.

2.1.5 Primeiro plano

O primeiro plano, no caso da figura humana, enquadra o personagem do busto para cima. Tem como finalidade mostrar expressões faciais, abandonando, assim, o foco no ambiente (TELES, 2004, p. 39).

Figura 5 – Primeiro plano



Fonte: captura de tela do filme.

Na audiodescrição, mesmo havendo espaço para uma pequena fala descrevendo a expressão facial de John pasmo na cena, Fryer preferiu destacar o fato de John apenas falar ao telefone, e descreveu:

He's on the phone.

TRADUÇÃO: Ele está ao telefone.

2.1.6 Primeiríssimo plano

O primeiríssimo plano enquadra somente o rosto do personagem e tem como finalidade destacar as expressões faciais, a fim de demonstrar sentimento, enfatizando as emoções do personagem e/ou da cena.

Figura 6 – Primeiríssimo plano



Fonte: captura de tela do filme.

Na audiodescrição, Fryer aproveita para descrever detalhadamente a cor dos olhos de John, que são detalhe na cena:

John looks up, blue eyes, milky.

TRADUÇÃO: John olha para cima, olhos esbranquiçados.

2.1.7 Close up ou plano detalhe

O *close up* ou plano detalhe destaca um elemento no quadro. É bastante utilizado para objetos (TELES, 2014, p. 40). Este tipo de plano é utilizado em vários momentos no filme *Notes on Blindness*. Há uma cena, em específico, que destaca o ponto de vista do personagem John Hull, que, após ter-se mostrado depressivo e sem ânimo para continuar com a vida cotidiana, um dia, ao perceber a chuva, caminha lentamente até a porta de sua casa e escuta atentamente o som dos objetos ao seu redor sendo tocados pelas gotas de chuva. A simplicidade do ato de poder perceber e sentir a chuva através da audição, mesmo sem se molhar, faz com que John sinta alegria e gratidão à vida novamente, gratidão até pela cegueira, que, a partir daquele singelo momento de contemplação, o fez perceber que sua limitação visual o levou a enxergar as simples coisas da vida de outra maneira, com mais sutileza e atenção. Nessa cena, sucede-se uma sequência inteira de planos detalhe mostrando vários objetos sendo tocados pelas gotas d'água que John sente através da audição. É uma cena muito importante do filme, pois, além de representar um marco importante na vida de John, representa também um ponto de inflexão emocional do filme no qual o espectador acompanha a

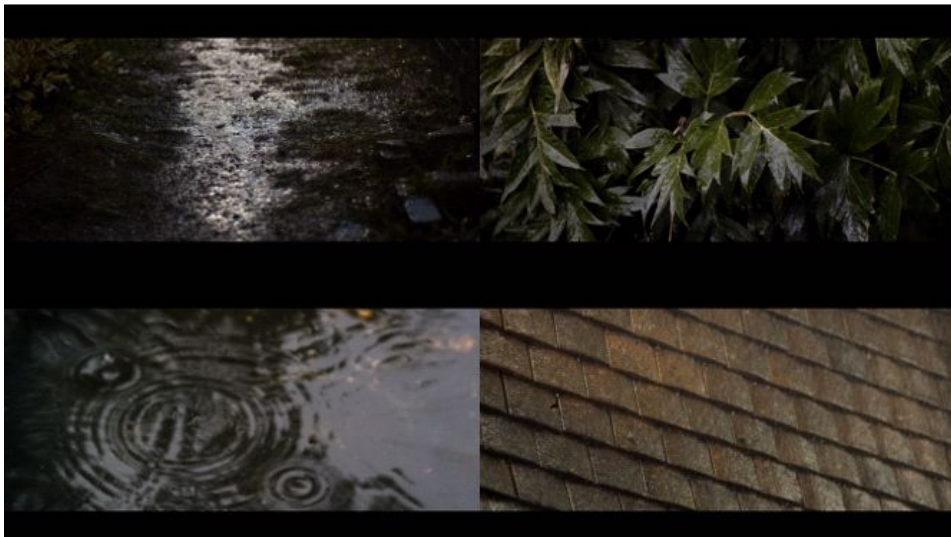
sequência de imagens com o som alto e nítido das gotas d'água tocando os objetos, trazendo assim uma maior proximidade do espectador com o sentimento do personagem John.

Figura 7 – *Close up* ou plano detalhe



Fonte: captura de tela do filme.

Figura 8 – sucessão de planos detalhe da chuva



Fonte: capturas de tela do filme.

Na audiodescrição da cena, exposta nas figuras 7 e 8, Fryer destacou:
He opens the door onto a wet front garden and stands on the threshold, listening.

Pattering on the path.

Rippling puddles.

Running off roof tiles.

Spilling into the gutter.

TRADUÇÃO: Ele abre a porta, à frente um jardim molhado, e fica na entrada, escutando.

A chuva tamborila no caminho.

Faz as poças ondular.

Escorre pelas telhas.

Derrama-se pelo meio-fio.

2.2 Ponto de vista

O ponto de vista de um plano mostra a perspectiva desde a qual está sendo vista a cena: como uma terceira pessoa ou a través do olhar do próprio personagem.

2.2.1 Plano objetivo

O plano objetivo é mais comum do que o plano subjetivo, pois é aquele plano que mostra o personagem desde uma posição alheia a ele, como quando está de frente para a câmara.

Figura 9 – Plano objetivo



Fonte: capturas de tela do filme.

Na audiodescrição da cena representada na Figura 9 sobre plano objetivo, Louise Fryer mostra como vemos John:

John, soaked, emerges from his rain-drenched office.

Towards his wet family at a rain-drenched table.

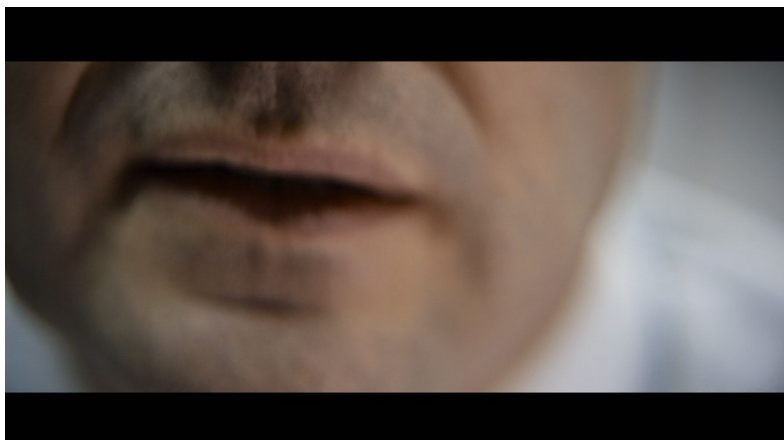
TRADUÇÃO: John, encharcado, sai do chuvoso escritório.

Vai em direção a sua família, que está à mesa coberta de chuva.

2.2.2 Plano subjetivo

O plano subjetivo mostra o que o personagem está vendo, como se a câmera fossem seus olhos. Este tipo de plano coloca o espectador na pele do personagem.

Figura 10 – Plano subjetivo



Fonte: captura de tela do filme.

Na audiodescrição da figura 10 sobre plano subjetivo, Fryer preferiu citar somente a aparição do médico na cena, e não comentou sobre a imagem desfocada e embaçada vista por John:

Close up of a doctor mumbling words.

TRADUÇÃO: *Close up* de um médico balbuciando.

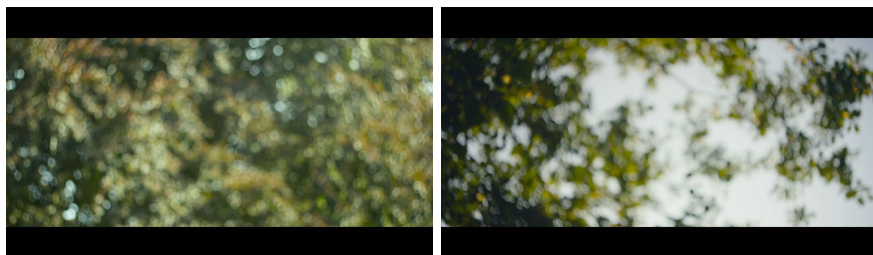
2.3 Foco e profundidade de campo

Um recurso estilístico do filme *Notes on Blindness* é a manipulação do foco para reduzir a nitidez dos planos. A profundidade de campo pode ser maior ou menor, a depender da relevância que o diretor do filme quer dar aos demais elementos da cena, que não estão em destaque.

Estes elementos fazem parte da estratégia do filme de trazer sensações psicológicas aos espectadores, já que a melhor forma de representar a perda da visão de John é “brincando” com a nitidez das cenas, que, na maior parte do filme, são cenas altamente desfocadas, com pouca nitidez e baixíssima luminosidade, trazendo ao espectador a sensação de “estar tudo embaçado”, dificultando a compreensão visual e, em algumas cenas, gerando até uma certa sensação de incômodo pela falta de nitidez. Essa estratégia leva o espectador a “se colocar no lugar” de John e sentir como foi para ele a perda da visão, pois, até nas cenas mais alegres do filme, o baixo foco e baixa nitidez permanecem presentes, para que o espectador sinta o incômodo do cego ao não ver.

2.3.1 Plano fora de foco

Figura 11 – Plano fora de foco



Fonte: captura de tela do filme.

Na cena da figura 11, Fryer compara a visão embaçada das folhas com um quadro pintado com a técnica do pontilhismo:

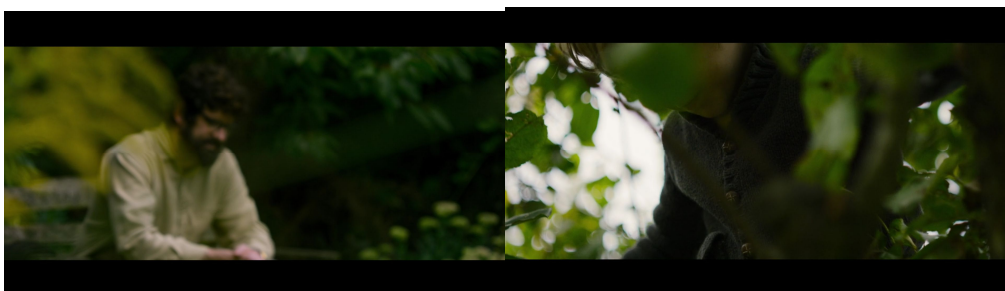
Light filters through leaves like a pointillist painting.

TRADUÇÃO: A luz se filtra pelas folhas como uma pintura pontilhada.

2.3.2 Obstáculos visuais

Também há em muitos dos planos objetos que interferem na visibilidade das figuras, como se pode constatar nos fotogramas a seguir, onde a imagem de John se vê turvada por obstáculos visuais claramente propositais.

Figura 12 – Obstáculos visuais



do filme.

Há outros momentos do filme onde Fryer descreve essa intromissão das folhas na visão do espectador:

F
onte:
captura
de tela

In a garden, a blur of vegetation. John comes into focus, sitting on a bench.

TRADUÇÃO: Em um jardim, um borrão de vegetação. John entra em foco, sentado em um banco.

Tom's up in a tree, partly concealed by leaves.

TRADUÇÃO: Tom está subido numa árvore, parcialmente oculto entre as folhas.

2.4 Luminosidade

Este aspecto é muito importante para a construção do universo perceptivo de John, pois é através da luminosidade que podemos notar a tentativa de indução psicológica da produção às sensações de perda da visão de John, e cumpre analisar como isso foi trabalhado na audiodescrição.

2.4.1 Baixa luminosidade

Abundam no filme as cenas escuras, chegando a tela a ficar preta durante uns 10 segundos nos primeiros minutos do filme, quando, ainda em tela preta, aparecem frases que começam a contar a história de John e, paralelamente, começa a audiodescrição de Fryer.

Figura 13 – Baixa luminosidade



Fonte: captura de tela do filme.

A cena da Figura 13 foi descrita por Fryer como:

In dim light, in his office, John traces his hand along the length of his desk.

TRADUÇÃO: Na penumbra, em seu escritório, John passa a mão pelo comprimento de sua mesa.

Outros exemplos onde Fryer comenta a luminosidade em sua audiodescrição são:

Dim light filters through the net curtains.

TRADUÇÃO: Filtros de luz fraca através das cortinas de rede.

Lights in the darkness lit on the lens.

TRADUÇÃO: Luzes iluminam a lente na escuridão.

Shadowy shapes give way to black.

TRADUÇÃO: formas sombreadas levam à tela preta.

He walks back down the corridor, under dim light after dim light.

TRADUÇÃO: Ele volta pelo corredor, penumbra sobre penumbra.

He climbs shadowy stairs.

TRADUÇÃO: Ele sobe por uma escadaria sombria.

Sunlight reflecting of his glasses gives way to crisscrosses dark branches.

TRADUÇÃO: O reflexo da luz do sol em seus óculos atravessa galhos escuros.

John walks towards daylight at the end of a dark passage.

TRADUÇÃO: John caminha em direção à luz do dia no fim de uma passagem escura.

John removes his glasses. His eyes in deep shadow.

TRADUÇÃO: John tira o óculos. Seus olhos em uma profunda sombra.

In his bedroom, John sits on the bed in semidarkness.

TRADUÇÃO: Em seu quarto, John se senta na cama na semiescuridão.

Mesmo nas cenas com maior luminosidade, a pouca nitidez e falta de foco permanecem, e Fryer deixou este fato explícito em suas audiodescrições, conforme mostrado nos exemplos acima.

A partir das análises realizadas, podemos concluir que Louis Fryer teve uma preocupação por imprimir na audiodescrição do filme *Notes on Blindness* os elementos da linguagem cinematográfica. A luminosidade foi um dos elementos cinematográficos mais abordados, embora não fosse o único, pois o foco também foi bastante trabalhado. Chamou nossa atenção o fato de a audiodescritora ter utilizado a nomenclatura técnica para referir-se aos tipos de enquadramentos, explicitando quando se trata de planos em *close up* ou gerais.

3 CONCLUSÃO

O cinema, desde sua criação, se tornou um meio de comunicação significativo nos últimos séculos. Sua relevância é tamanha que, hoje, o cinema

faz parte da massa comunicativa global, capaz de conectar culturas, transmitir conhecimento, gerar conteúdo de informação, formar opiniões e isso tudo sem deixar de ser uma atividade de lazer prazerosa e saudável para as pessoas que entendem viver na sociedade da informação.

A sociedade moderna, de fato, já avançou praticamente em todas as áreas de estudos e pesquisas até hoje conhecidas, e na indústria cinematográfica não é diferente, pois há todo um universo técnico, com teorias estudadas, pesquisadas e testificadas por trás dos filmes, antes mesmo da comercialização e da prática de fruição do cinema. Antes de existir o filme, existe o como fazer um filme, e a produção fílmica é a responsável pelo diálogo entre espectador e espetáculo, pois é a produção que domina as técnicas para que se consiga transmitir a mensagem desejada naquele filme.

Após a análise da linguagem cinematográfica utilizada em *Notes on Blindness*, é possível chegar a algumas conclusões concisas:

A maioria das cenas do filme foram feitas, de fato, com baixa luminosidade, pouco foco, pouca nitidez a fim de induzir a dificuldade visual do espectador, numa tentativa de aproximar os sentimentos do espectador com os sentimentos de confusão visual de John. Até mesmo as cenas mais alegres do filme possuem enquadramentos pouco nítidos, desfocados e com baixa iluminação, o que, pessoalmente, acredito que não se trata de uma escolha estética unicamente voltada para a ambientação de cenas emocionalmente mais tristes, mas, também, para a criação de uma identificação com o modo perceptivo do protagonista. Porém, a baixa iluminação das cenas pode, sim, ter sido pensada para transmitir o estado emocional depressivo do personagem.

No que diz respeito à audiodescrição de Louise Fryer, foi possível constatar que ela se esforçou em abordar a questão da linguagem cinematográfica ao longo do filme, especialmente a baixa luminosidade de algumas cenas. Acredito que essa foi a melhor forma que Fryer encontrou de transmitir aos espectadores cegos a percepção de John sobre a perda da visão, expondo a escuridão predominante no filme.

Às vezes, expor à comunidade cega as emoções das cenas dos filmes pode ser uma tarefa difícil para o audiodescritor, principalmente quando as emoções estão representadas em elementos cinematográficos que, ocasionalmente, não podem ser percebidos pela limitação visual dos

espectadores, como é o caso do drama vivido por John, representado através da escuridão das cenas em *Notes on Blindness*.

A trilha sonora predominantemente dramática e, em algumas cenas, até melancólica, também foi um elemento bastante utilizado pela produção para induzir psicologicamente o espectador ao descontentamento e a certa melancolia sentida por John na maior parte do filme, até o momento em que ele finalmente aceita sua deficiência visual e começa então a encará-la com mais facilidade e aceitação.

Também sobre os elementos sonoros, em algumas cenas onde o enfoque maior está no ambiente em si e nos objetos em destaque, a trilha sonora desaparece, restando somente os sons dos objetos e do ambiente, como ruídos de galhos de árvores batendo na janela, o barulho de grama e capim batendo ao vento, barulho do próprio vento ecoando, ruídos de caminhadas e passos, ruído de objetos e, principalmente, todos os sons detalhados e plenamente analisados e sentidos por John na cena “sentindo a chuva” representam a atenção especial que o cego passa a ter na audição e, conseqüentemente, leva o espectador a também se atentar mais aos elementos sonoros.

De fato, *Notes on Blindness* foi um filme pensado para atingir todos os tipos de espectadores. Com as duas versões diferentes de audiodescrição, uma feita pela audiodescritora Louise Fryer e outra pelo leitor de audiolivros e ator Stephan Mangan, proporcionou-se uma liberdade de escolha maior ao espectador com deficiência visual, que pode optar pela versão que melhor atende seu gosto pessoal para a audiodescrição de filmes. Já na versão original do filme, com todos os elementos expostos e analisados neste trabalho, foi possível concluir que os realizadores quiseram induzir psicologicamente os espectadores sem deficiência a sentir como é o processo de perda da visão, trazendo uma proximidade maior entre o personagem e o espectador.

A magia do cinema se encontra exatamente nesse diálogo “invisível” que acontece entre os elementos cinematográficos que trazem todas as sensações e percepções do enredo do filme para com o espectador, que se permite mergulhar no universo paralelo fílmico, capaz de trazer experiências diferentes e únicas através do simples ato de assistir a um filme. Além do filme

trazer também aos espectadores sem deficiência uma conscientização maior sobre a importância da atenção e da acessibilidade para as pessoas com deficiência visual através da empatia provocada ao trazer aos espectadores as sensações do cego.

A inclusão social e o acesso à cultura, infelizmente, ainda não atingiram todas as instâncias sociais, e ainda há muito à ser feito. Porém, devemos também reconhecer os avanços que a acessibilidade já teve, no cinema, por exemplo, com a audiodescrição. Nós, estudantes da área estamos aqui pra contribuir academicamente e no mercado de trabalho com a inclusão social, tendo sempre a empatia e a solidariedade para com o próximo como principal objetivo, afinal, todo ser tem direito ao lazer, independentemente de sua condição social ou física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUNHOZ, Marcelo. Artes audiovisuais. In: Padilha, M. R. N.; Munhoz, M. **Fotografia e audiovisuais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. Curitiba : SEED – Pr., 2010. p. 24-52.

CARDOSO, Renata Ayub Alves. **ACESSIBILIDADE E AUDIODESCRIÇÃO: uma análise comparativa das audiodescrições do filme *Notes on Blindness***. Trabalho de conclusão de curso. Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas. Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

TELES, Veryanne Couto. **Audiodescrição do filme *A mulher Invisível*: uma proposta de tradução à luz da estética cinematográfica e semiótica**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

ENQUADRAMENTOS: PLANOS E ÂNGULOS 2012. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Último acesso em: 21 de setembro de 2018.

CINEMA E EDUCAÇÃO: Linguagem cinematográfica. Disponível em: <<https://cinemahistoriaeducacao.wordpress.com/cinema-e-educacao/sobre-cinema-e-educacao/linguagem-cinematografica/>>. Último acesso em: 21 de setembro de 2018.

SILVA, Walisson Fernando. Linguagem cinematográfica - conceitos básicos, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@walisonfsilva/linguagem-cinematogr%C3%A1fica-conceitos-b%C3%A1sicos-5d559813ecdc>>. Último acesso em: 15 de Novembro de 2018.

NOTES ON BLINDNESS: a feature film and virtual reality experience, 2016. Disponível em: <<http://www.notesonblindness.co.uk/>>. Último acesso em: 16 de novembro de 2018.

FILMOGRAFIA

NOTES on blindness. Direção: Peter Middleton e James Spinney. Reino Unido, 2016.